

COMPETIÇÕES E FESTIVAIS NA GRÉCIA PRÉ-HELÊNICA: AS EVIDÊNCIAS MINÓICO-MICÊNICAS

ANA CLAUDIA TORRALVO

Doutoranda do Departamento de Antropologia da
Universidade de São Paulo e bolsista do CNPq

RESUMO

O que conhecemos das competições desportivas e dos festivais durante a Idade do Bronze na Grécia e no Egeu chegou até nós através das imagens representadas sobre os mais diversos suportes, como os afrescos, os relevos, a glíptica e outras manifestações da arte desse período. Neles percebemos algumas atividades físicas que podem caracterizar práticas desportivas: a luta corporal, praticada com luvas de couro, e a corrida, ambas comuns ao universo minóico-micênico. Já a tauromaquia ou salto do touro é característica da Creta minóica e só aparece no continente grego como cópia do repertório iconográfico. Muitas vezes os afrescos, principalmente aqueles em contexto minóico, são relacionados à religião e locais de culto, o que levou à associação de representações de eventos públicos com festivais religiosos. Mas a evidência negativa não é conclusiva e, portanto, não podemos afirmar que os jogos, competições e festivais fossem apenas eventos públicos de caráter religioso. A iconografia ultrapassou o limite arquitetônico dos afrescos e relevos para ser aplicada a objetos móveis, como vasos em pedra e cerâmicos; anéis e engastes em marfim atestam a existência de sacrifícios animais, libações, jogos como lutas e tauromaquias, e procissões com música e danças, possivelmente rituais. Dos espetáculos registrados na imagética minóica, o mais popular era a tauromaquia ou salto do touro. As lutas de boxe parecem ter tido uma origem continental. Os lutadores geralmente são representados aos pares e usam luvas de couro. As corridas também foram muito apreciadas entre os micênicos.

Palavras-chave: Idade do Bronze; Grécia; Creta; Tauromaquia; Boxe; Corrida; Esquema iconográfico; Evento público.

A té hoje, não foi possível aos arqueólogos comprovar a existência de competições esportivas organizadas e periódicas, com distribuição de prêmios para as melhores performances, bem como não é possível afirmar com segurança e comprovar materialmente a ocorrência de espetáculos artísticos durante a Idade do Bronze egeana. Esse período foi dominado pelas civilizações minóica e micênica, com seus correspondentes períodos de dominação na Grécia continental, em Creta, nas Cíclades, no Dodecaneso e mesmo em Chipre. As-

sim, designo aqui “competições” as evidências de prática desportiva, pois a finalidade ou o motivo dessa atividade ainda permanece obscuro. Quanto aos espetáculos, são aqui designados “festivais”, já que não foram encontradas evidências, até o momento, de uma atividade teatral comparável àquela que ocorria na Grécia, durante o período clássico.

Ainda a título introdutório, devo esclarecer alguns pontos referentes à especificidade do estudo da Proto-História. A cultura minóico-micênica legou-nos um universo imagético extremamente rico. Esse universo está distribuído entre os mais diversos suportes: afrescos, relevos, selos, anéis de sinete, terracotas e, obviamente, cerâmica decorada. Contudo, nossa leitura dos códigos iconográficos é ainda muito deficiente e muitas vezes defrontamo-nos com terminologias ou idéias pré-concebidas, cristalizadas desde os primórdios da arqueologia egeana. Assim, mesmo atualmente, alguns autores associam a ocorrência de afrescos a ambientes religiosos ou locais de culto, principalmente em contexto minóico. Na realidade, a existência de salas revestidas com afrescos indicam um edifício de certa importância, não necessariamente de caráter religioso. Mas as informações que possuímos a respeito da religião pré-helênica é quase totalmente obtida através das representações em afresco, cuja iconografia foi transferida para outros tipos de suporte.

Através desse ponto de vista, percebemos que todas as representações que chegaram até nós, relativas a eventos públicos, são sempre associadas a festivais religiosos, mas é preciso ressaltar que a evidência negativa, ou seja, o fato de tais representações não terem sido encontradas em locais comprovadamente de caráter não religioso, ou a falta de representações desse tipo em ambientes profanos ou laicos, não pode ser conclusiva e, portanto, não podemos afirmar que os jogos, competições e festivais fossem apenas eventos públicos de caráter religioso. Da mesma forma, não possuímos evidências claras de que tais atividades estivessem ligadas aos ritos fúnebres ou que deles fizessem parte integrante.

Mas um fato fica bem claro: essa iconografia monumental e elitizada ultrapassou o limite arquitetônico de importantes edifícios, até certo ponto seletivos quanto à circulação, e passou a penetrar na população, através de suportes móveis, como a cerâmica, os entalhes e os selos, entre outros. Aí fica comprovada a existência de sacrifícios animais, libações, competições como a luta e a tauromaquia, e festivais onde a música e a dança desempenhavam um papel preponderante. (Treuil, 1989, p. 312-314)

Os melhores exemplos de festivais são provenientes de Creta. Estão retratadas, em afrescos, platéias atentas compostas por indivíduos de ambos os sexos. Nesses festivais, a dança e, conseqüentemente, a música, parecem ter tido, como dito acima, um papel preponderante. Contudo, o folclore clássico credits aos cretenses a introdução de diversas formas de performances musicais no continente grego, como o *nomos* (hino solo a Apolo), o *peã* (hino coral a Apolo) e o *hiporquema* (música e dança executada em Delos). Um exemplo material é-nos dado por N. Coldstream, em seu artigo “A figures geometric oinochoe from Italy” (Coldstre-

am, 1968), onde estuda aquilo que pode ser uma representação da Dança do Grou, sagrada em Delos, que se diz ser de origem cretense, com mulheres vestidas numa versão do traje da corte minóica. Essa tradição clássica não pode ser materialmente comprovada, mas, desde a Idade do Bronze antiga, aproximadamente 3000 a.C., há provas de que a harpa triangular, de origem mesopotâmica, já era conhecida nas Cíclades e, durante o Minóico Médio I, por volta de 2000 a.C., aparecem representações de um instrumento compatível com a lira de sete cordas. Uma versão acabada dessa lira, com a presença da caixa de ressonância em casco de tartaruga, aparece representada no sarcófago de Hagia Triáda, datando do Minóico Recente III, por volta de 1400 a.C. (Hutchinson, 1968, p. 260-262). Essa datação coloca tal representação no período de influência micênica no Egeu, e indica a possível origem continental desse instrumento, bem como do *aulós* ou flauta dupla. Quanto à dança, essa parece ter sido amplamente praticada, aparentemente sempre em grupo. Num vaso de Hagia Triáda vemos a representação de um grupo de homens que tocam flauta e dançam. Em um anel de sinete em ouro proveniente de Cnosso, mulheres dançam com evidente movimentação dos braços. Também em um grupo de terracota, datado por volta de 1400 a.C. e proveniente de Palaikastro (Creta), vários indivíduos são representados dançando acompanhados por um tocador de lira em uma arena circular. (Hutchinson, 1968, Fig. 262)

Hutchinson, em seu livro *Prehistoric Crete* (Hutchinson, 1968, p. 264), traça um paralelo etnográfico, o qual, embora excêntrico, não deixa de ser curioso. No final do Canto XVIII da *Ilíada* temos:

Nele (no escudo de Aquiles) colocou o ilustre coxo um coro variado, semelhante àquele que outrora, na vasta Cnosso, Dédalo executou para Ariadne de formosos cachos. Nele, moças e rapazes que valiam muitos bois dançavam de mãos dadas. Elas trajavam vestidos de tela fina e eles vestiam túnicas bem-cosidas, que brilhavam com o suave brilho do óleo; elas traziam belas coroas, e eles, punhais de ouro suspensos em cartuchos de prata. Ora corriam à roda, com os adestrados pés, com suma facilidade, como quando, tendo uma roda cômoda nas mãos, o oleiro, sentado, experimenta-a para ver se gira bem; ora, ao contrário, corriam alinhados uns para os outros. Uma multidão cercava, prazenteira, o coro encantador. Entre os bailarinos cantava um divino aedo, que dedilhava a cítara, e dois saltimbancos, cujo ritmo era marcado pelo canto, rodopiavam ao meio.

O citado autor encontrou um exemplo muito semelhante, que acontece nos tempos atuais: uma festa folclórica na época do Natal, em uma localidade chamada Chichicastenago, na Guatemala, na qual um grupo de rapazes e moças executam uma dança extremamente semelhante à descrita na *Ilíada*. É denominada a “Dança do Touro” e algo que deve ser destacado é que essa região da Guatemala apresenta uma tradição cultural profundamente ligada às tradições espanholas trazidas pelos conquistadores, não apresentando nenhuma característica cultural maia.

Nesse contexto de eventos públicos, de caráter religioso ou não, o pátio central do pa-

lácio minóico tinha um papel de destaque. Ele é o ponto de encontro das ruas que conduzem ao palácio e o centro da circulação entre os diferentes setores palaciais. Seu papel, contudo, parece ultrapassar tais limites físicos do ambiente urbano. O arranjo e cuidado das fachadas e pórticos que o cercavam, leva a crer que aí ocorriam festivais e cerimônias, como lutas, danças e a própria tauromaquia. Também devem ser lembradas as “áreas teatrais” e os pátios intermediários que, embora não tenhamos provas concretas das atividades aí desempenhadas, parecem ter tido a mesma função de palco para cerimônias ou performances. (Graham, 1962, p. 74; Treuil, 1989, p. 291 e Pelon, 1983, p. 253)

Dos espetáculos registrados na iconografia minóica, o que merece maior destaque é, sem dúvida, a tauromaquia ou salto do touro. Esse destaque, que indica uma preponderância dessa competição, deve-se somente ao fato de que as representações desse tema são muito abundantes. Parece ter sido o esporte mais popular entre os minóicos, pois foi representado em quase todos os suportes da iconografia minóica, incluindo afrescos, relevos monumentais, anéis de sinete, gemas, cerâmica, taças em ouro, mobília etc. Essa luta não apresenta utilização de armas de espécie alguma; era praticada por jovens adolescentes de ambos os sexos, que se vestiam de forma semelhante: uma sunga de tecido presa por um cinto e alguns ornamentos. O objetivo principal dessa competição parece ter sido permanecer o maior tempo possível diante de um touro em galope de ataque, apoiar-se nos chifres do animal, cair sobre as suas costas e, executando um salto mortal, tocar o solo ao lado dele. As diversas representações do salto do touro revelam que esse salto ousado se assemelha em muito ao salto sobre o cavalo executado atualmente, diferenciando-se apenas pelo fato de que o salto era executado sobre um touro em movimento. A ausência de armas demonstra que o touro não podia ser morto durante o jogo, demonstrando assim que este era um teste de agilidade, habilidade e coragem. (Hutchinson, 1968, p. 265; Graham, 1962, p. 75) (Fig. 1)

Com a dominação micênica de Creta e o término do processo de miscigenação cultural entre a cultura minóica e a cultura do continente grego, a tauromaquia cedeu lugar, no campo iconográfico, a diversas representações. No caso de afrescos, encontramos grifos e leões, divindades e procissões. Nos anéis de sinete temos diversos animais, mas destacadamente leões e grifos antitéticos e lutas entre animais, principalmente leões. Ocorrem figuras humanas masculinas, completamente armadas com lança, espada, elmo e escudo. Ou seja, a figura do touro é substituída pela figura do leão e grifo. Também começam a aparecer as representações de carros. Tais representações não eram desconhecidas desde o princípio da Idade do Bronze Recente, embora estivessem restritas ao continente grego.

As representações de carros, nas quais são comumente retratados um carro puxado por uma parelha de cavalos em galope volante, conduzidos por um auriga, e acompanhado por um indivíduo a pé, já estão presentes no Círculo Tumular A de Micenas, em seis estelas funerárias. Esse tema foi estudado pelos principais micenólogos, sendo que as opiniões divi-

dem-se em três linhas: a primeira e mais antiga, defende o fato de representarem a forma pela qual o indivíduo ali sepultado haveria morrido; a segunda, que entende a cena como a representação de uma corrida de carros, possivelmente parte dos jogos fúnebres; e a terceira e mais contemporânea, que relaciona tal imagem à representação do *status* social do indivíduo sepultado. Um ponto curioso é que, nessas representações, aparecem, geralmente no lado esquerdo da imagem, uma espada, a qual poderia ser entendida como o prêmio pela vitória do auriga. Essa hipótese seria confirmada pelas adagas e espadas de aparato, extremamente decoradas em ouro e bronze, encontradas nos túmulos do Círculo Tumular A. (cf. Torralvo, 1994/1995, p. 33 e ss.)

O pugilato, apesar de ter sido apreciado e estar vastamente representado em contexto micênico, parece ter sua origem no continente grego ou nas Cíclades, e ter sido posteriormente levado para Creta, durante o período de dominação micênica. Nas representações, os boxeadores aparecem geralmente aos pares, usando algum tipo de luva, se assim podemos chamar. As principais representações são um afresco e uma cratera. O afresco dos boxeadores é proveniente de Tera (atual Santorini), do sítio de Akrotiri (Fig. 2); nele, dois rapazes, usando uma espécie de luva, travam um combate corpóreo. A cratera data do final do período micênico e é proveniente de Chipre: vários pares de indivíduos são representados em posição de luta. Deve ser salientado que essas representações não podem ser confundidas com representações de batalha corporal, pois nelas os disputantes são apresentados sempre completamente armados. As representações de pugilato aparecem não só no período micênico, como também no geométrico e em Homero, comprovando uma continuidade na prática do esporte desde a Idade do Bronze até o Período Arcaico, quando aparecem representações mais detalhadas.

A corrida a pé também parece ter sido apreciada, já que aparece registrada em outra cratera de Chipre, do mesmo ceramista que pintou a cratera dos lutadores. Contudo, a identificação da representação do indivíduo disputando uma corrida de velocidade é muito difícil. A imagem torna-se ambígua e incompreensível se a analisarmos através de esquemas clássicos, em que as pernas e os braços alçados dão a idéia de movimento (Rystedt, 1988, p. 437). No esquema iconográfico micênico parece que a diferenciação entre andar e correr está mais na posição dos braços do que das pernas. Os melhores exemplos da prática desses esportes, o boxe e a corrida, são dois vasos pintados possivelmente pelo mesmo autor e provenientes de Chipre: o exemplar AM 625 do Louvre (Fig. 3) e o exemplar 35 da Coleção Pierides (Fig. 4), onde podemos observar homens correndo, em um exemplar, e lutadores, em outro. (Karageorghis, 1957, p. 87 e ss.)

A cratera anforóide AM 625 do Louvre foi encontrada em Chipre e é decorada com uma cena de carro. Foi publicada por E. Pottier ("Documents céramiques du musée du Louvre" *Bulletin de Correspondance Hellénique* 31 [1907] p. 231, Figs. 8 e 9). O destaque é dado aos personagens que seguem à frente do carro portando um objeto semelhante a um bastão. São figuras atléticas com os músculos das pernas acentuados. Portam também uma espé-

cie de boné, semelhante ao usado pelos boxeadores do afresco de Akrotiri (Fig. 2) e representado em diversos outros vasos. Já a cratera n. 35 da Coleção Pierides tem procedência desconhecida, mas é muito semelhante à cratera do Louvre, tanto pela forma e qualidade da argila, como da pintura. Nesse vaso aparecem diversas duplas de lutadores, de estatura atlética e músculos vigorosos. Todos portam o mesmo boné presente na cratera do Louvre.

Então podemos perceber que aquilo que chamamos de festivais com performances de dança e música e a prática desportiva já eram objeto de atração e admiração na Grécia Pré-helênica, e essa atividade parece estar de certa forma ligada a cerimônias religiosas ou locais de culto. Sempre parecem ser desempenhadas em locais públicos centrais, com grande capacidade de receber audiência. Embora não possamos identificar jogos institucionais, nem mesmo jogos fúnebres, devido à própria especificidade dos dados arqueológicos das civilizações pré-helênicas, somos capazes de apreender a importância aglutinadora desses eventos públicos, os quais estão na origem mais antiga dos jogos institucionalizados da Antiguidade Clássica e, conseqüentemente, da era contemporânea.

TORRALVO, A. C. Competitions and festivals in prehellenic Greece: Minoic-Micenic evidences. *Classica*, São Paulo, v. 9/10, n. 9/10, p. 34-44, 1996/1997.

RÉSUMÉ

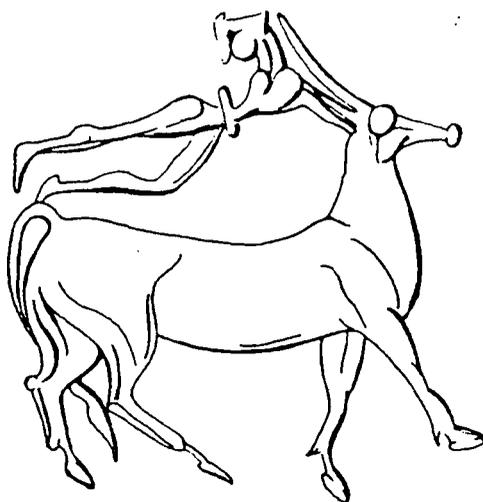
Ce que nous connaissons des compétitions et des festivals en Grèce et dans le monde Egéen pendant l'Âge du Bronze nous est parvenu par des images figurées sur divers supports comme les fresques, les reliefs, la glyptique et bien d'autres manifestations de l'art à cette période. Nous y voyons quelques activités physiques que peuvent caractériser des pratiques sportives: la lutte corporelle, pratiquée avec des gants en cuir, et la course, toutes les deux communes à l'univers minoico-mycénien. Mais la tauromachie ou le saut des taureaux typiques de la Crète minoenne n'apparaissent dans le continent grec qu'en tant des copies du repertoire iconographique. Dans de nombreux cas les fresques, surtout celles du contexte minoen, ont des rapports avec la religion et les lieux de culte ce qui a conduit à les interpréter comme une association des représentations d'événements publiques avec des festivals religieux. Mais l'évidence négative n'est pas conclusive, donc, nous ne pouvons pas affirmer que les jeux, les compétitions et les festivals étaient seulement des événements publiques à caractère religieux. L'iconographie a dépassé la limite architectonique des fresques et des reliefs et a été également pratiquée sur des objets mobiles ainsi que les vases en piene et en argile; les bagues et les chatons en ivoire témoignent l'existence de sacrifices animaux, de libations, de jeux comme la lutte et la tauromachie ainsi que les processions accompagnées de musique et de danse, probablement rituelles. Le plus populaire des spectacles enregistrés dans l'imagerie minoenne était la tauromachie ou le saut du taureau. Le pugilat paraît avoir en une origine continentale de même que les courses, très appréciées parmi les mycéniens.

Mots-clés: Âge de Bronze Grèce; Crète; Tauromachie; Pugilat; Course; Iconographie; Fêtes publiques.

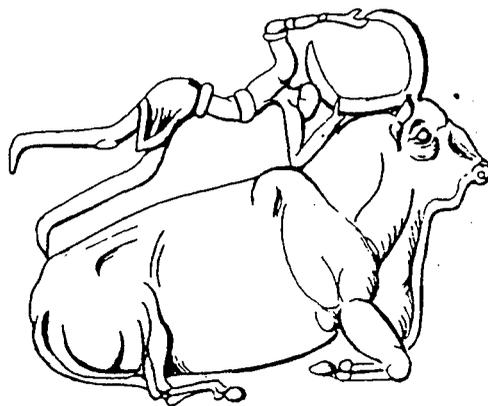
Referências bibliográficas

- GILLIS, C. Minoan everyday objects as sources of historical information. In: *Problems in Greek Prehistory*, 1988, pp. 417-420.
- GRAHAM, J. W. *The palaces of Crete*. Princeton: Princeton University Press, 1962.
- HUTCHINSON, R. W. *Prehistoric Crete*. Middlessex: Penguin Books, 1968.
- KARAGEORGHIS, V. Deux peintres de vases mycéniens. *Syria*, v. 34, pp. 81-92, 1957.
- KARAGEORGHIS, V. & BUCHHOLZ, H.-G. An archaeological handbook with over 2000 illustrations. Londres: Phaidon, 1973.
- PELON, O. Réflexions sur la fonction politique dans un palais crétois. In: KRZYSZKOWSKA, O. & NIXON, L. (eds.) *Minoan Society*. Bristol: Bristol Classical Press, 1983, pp. 253-257.
- RYSTEDT, E. Mycenaean runners-including *apobatai*. In: *Problems in Greek Prehistory*, 1988, pp. 437-442.
- TORRALVO, A. C. A iconografia das estelas funerárias dos Círculos Tumulares A e B de Micenas. *Classica*, 7/9, 1994/1995, pp. 33-48.
- TREUIL, R. et alii. *Les civilisations égéennes du néolithique et de l'Âge du Bronze*. (Nouvelle Clío 1 ter). Paris: PUF, 1989.
- Competitions et festivités dans la Grèce préhellénique: les evidences minoico-micenniennes.

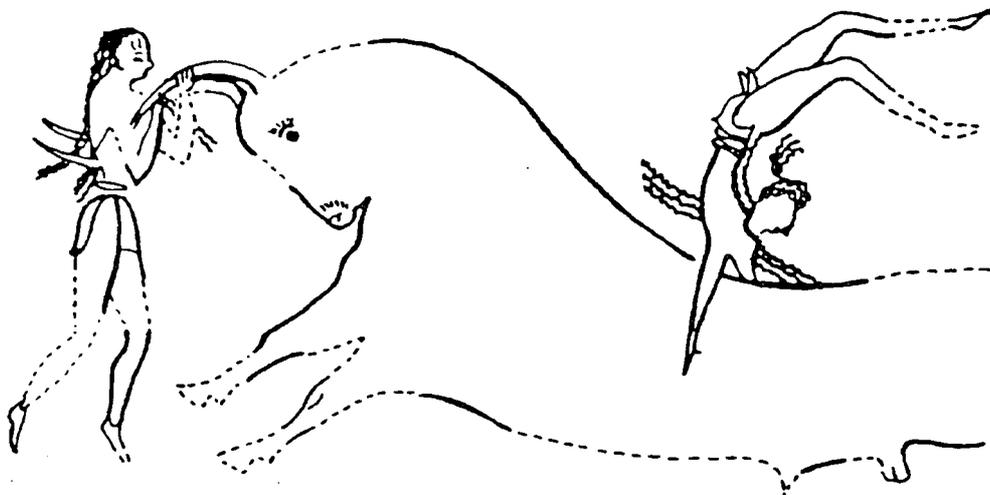
Ilustrações



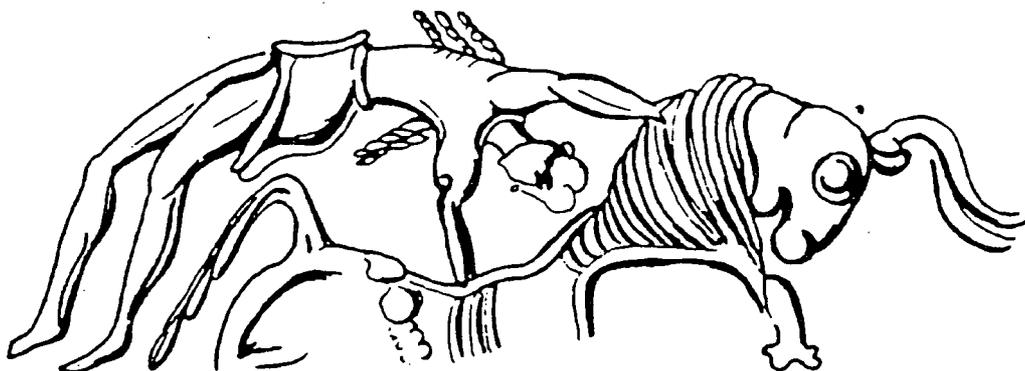
1.1 – Selo proveniente de Micenas



1.2 – Selo proveniente de Praios



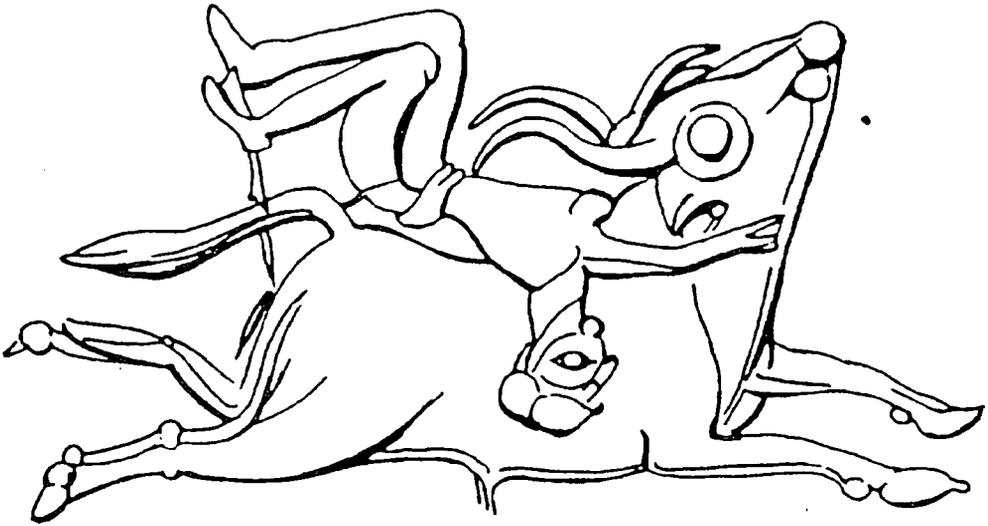
1.3 – Afresco proveniente de Cnosso



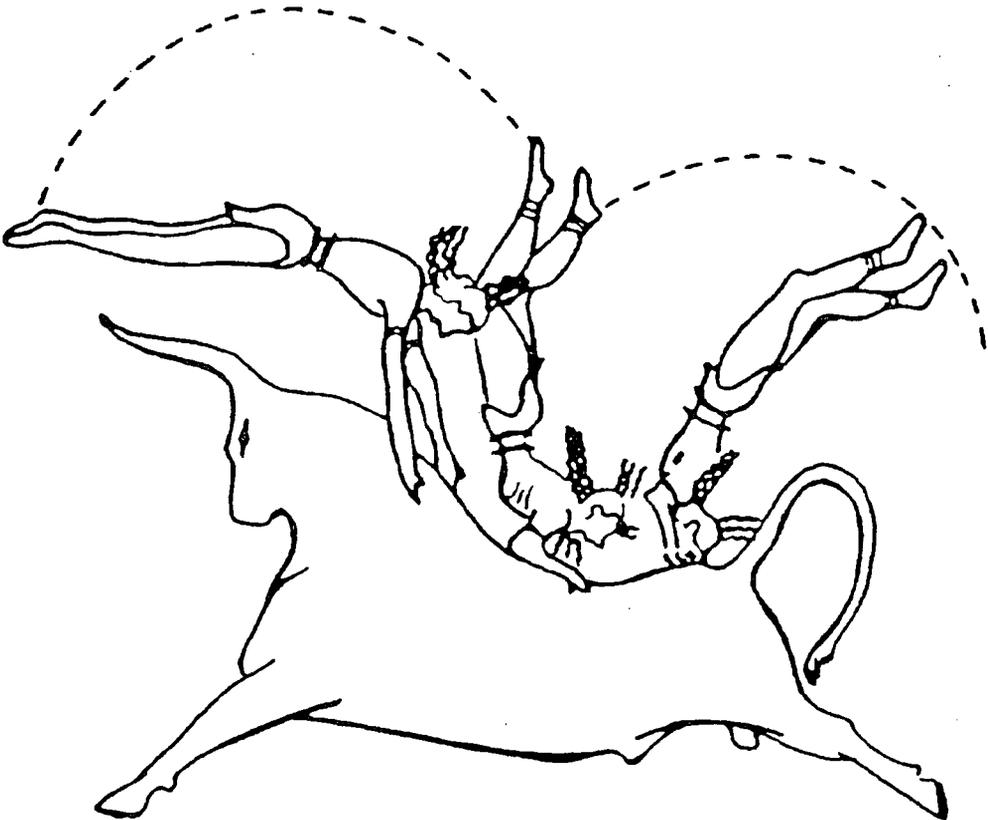
1.4 – Anel de ouro proveniente de Asine



1.5 – Selo proveniente de Micenas



1.6 – Placa de ágata proveniente de Tebas



1.7 – O esquema do “Salto do Touro”



Figura 2 – Os boxeadores – Afresco proveniente da Sala B1 em Akrotiti (Tera – atual Santorini)



Figura 3 – Cratera AM 625 do Louvre, proveniente da região de Kition (Chipre)



Figura 4 – Cratera n. 35 da Coleção Pierides